

um olhar pelo mundo

textos e fotos Cris Berger

Correndo pelo

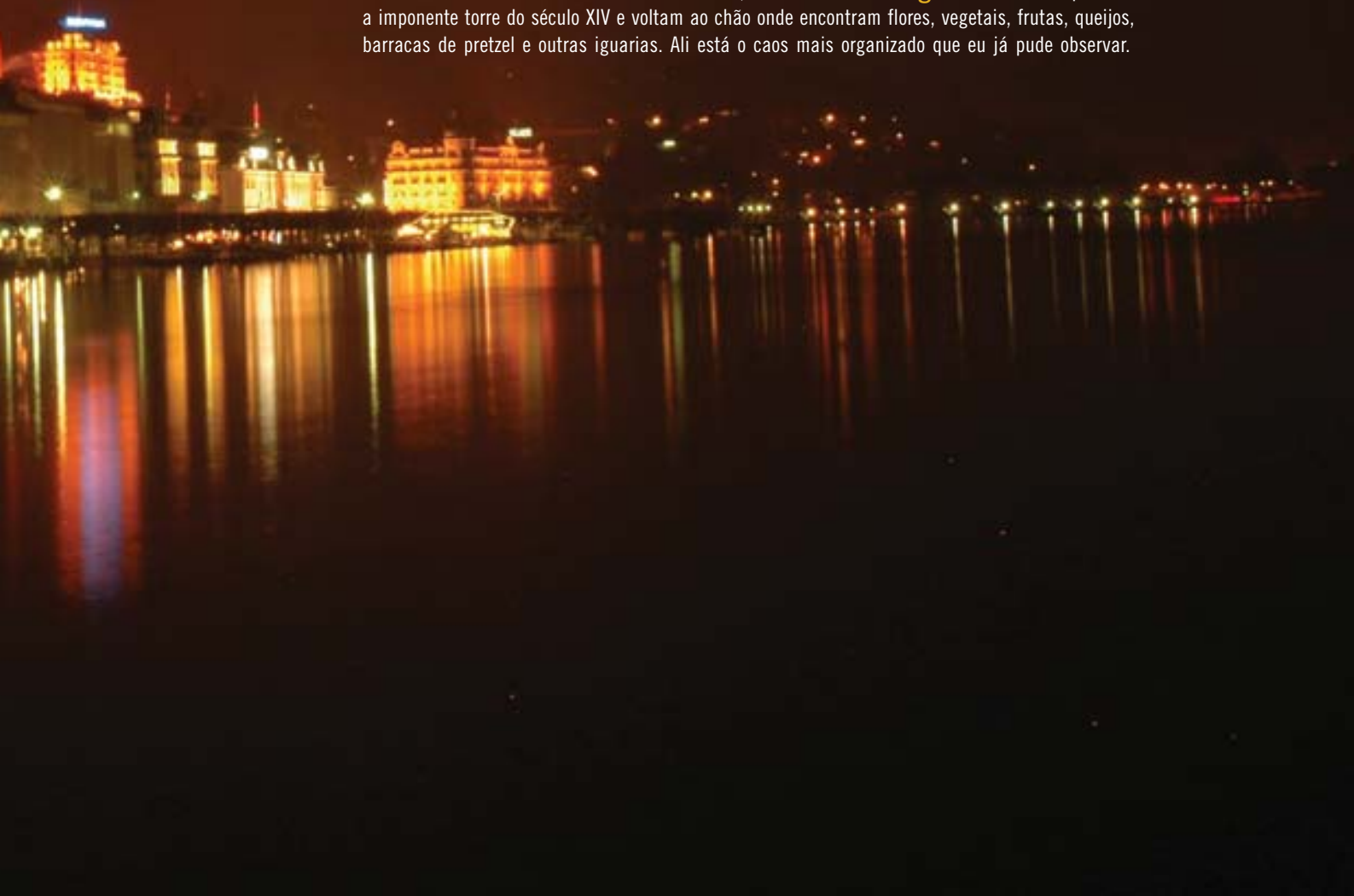


Velho Mundo

Coordenadas: Europa, fronteira da Suíça, Alemanha e França – Basel: cidade fundada no ano 44 antes de Cristo, arquitetura medieval, banhada pelo rio Reno. Nesta cidadezinha suíça começo minha temporada em solo europeu. A temperatura externa não ultrapassa os três graus positivos, já é noite. Da janela do táxi respingada de chuva eu namoro os primeiros vestígios do Velho Mundo. Fizemos check in no maravilhoso hotel Le Trois Rois e recebo a informação de que tenho uma hora e quinze minutos de intervalo até o jantar. Não hesito: **uma hora para correr**, quinze para um banho.

Da sala de fitness do Le Trois enormes janelas levam os olhos ao Reno e à ponte central, construída em 1226. Enquanto corro imagino os celtas, romanos e francos que habitaram e fizeram parte da vida de Basel. São **dois mil anos de história** encravados nas ruelas, sótãos e arcos. Começo a me embriagar da atmosfera de mistério que envolve a Europa. Corro mais rápido. Estou na capital cultural da **Suíça**. O novo e o velho disputando olhares e criando alguma polêmica entre a população. Basel exibe mais de 30 museus, **arte moderna** aflorando em fachadas arrojadas e exposições, o primeiro teatro de musicais do país, outro de renome internacional, palco de festivais de jazz e clubes de música.

No burburinho do Markplatz, mercado ao ar livre, está a Câmara Municipal (Rathaus), em um edifício vermelho com afrescos de Hans Holbein, **de tirar o fôlego**. Os olhos acompanham a imponente torre do século XIV e voltam ao chão onde encontram flores, vegetais, frutas, queijos, barracas de pretzel e outras iguarias. Ali está o caos mais organizado que eu já pude observar.





A melhor corrida

Às três horas da tarde parte o trem para Lucerna, a cidade preferida dos reis e imperadores no passado e conhecida pelo seu Festival de Música Internacional nos dias presentes. Este país tem algo mágico. Sinto um **ímpeto quase incontrolável** de parar o trem e sair a correr. A paisagem é estimulante. A Suíça teria sido feita à mão?

Mais um super-hotel Leading nos espera. Palace Lucerne nos recebeu com todas as honras e pompas na figura carismática de seu RP, Andreas. Fomos surpreendidos com uma verdadeira orgia gastronômica: o coquetel foi servido na suíte presidencial e a entrada no meio da cozinha! O prato principal foi no restaurante Jasper, mas na hora



da sobremesa fugimos para o bar. A noite acabou com uma caminhada nas margens do Lago Lucerne. Pilatos, a **grande montanha** estava ali, encoberta pelo nevoeiro. Assim ficaria escondida, mas isso ainda não sabíamos.

Aqui foi a grande corrida da viagem. **O dia amanheceu** quase em off. Nuvens baixas, chuva fininha, onde estava Pilatos? Da sacada do meu quarto, devido o nevoeiro, só se viam árvores quase nuas num tapete de folhas vermelhas. Resolvi correr. **Alonguei. Senti o frio nas mãos.** Fingi que não era comigo. Depois dos quinze minutos tudo esquentou, corpo e alma, o treino chegou a uma hora e foi espetacular. Vi a ponte Kaëllbrücke com suas pinturas, os becos seculares, igrejas góticas e o Lago tranquilo ao meu lado. Não vi





Pilatos. Apenas pensei o escutar.

À tarde, nos perdemos pelos becos secretos. Nos vimos em uma cidade intrigante e entre brumas. Pilatos estava encabulado. Não vimos seu esplendor. À noite percorremos mais uma vez as ruelas e chegamos em dois endereços que são os melhores da cidade: White Sheep e Black Sheep. Um *lounge* e ao seu lado um **lugar para dançar**.

La fondue!

O próximo trem nos leva a Lausanne, sede do Comitê Olímpico Internacional. Construída sobre três colinas, fica às margens do Lago Genebra – diga-se de passagem, o melhor lugar para correr. Do outro lado do lago já é território francês. Ali está o Musée Olympique, que merece



uma visita, e por que não um almoço? A parte histórica da cidade que fica nos pés de uma das colinas é fabulosa. À noite resolvemos desbravar a lenda que diz estarem na Suíça as melhores fondues, que têm origem francesa e quer dizer queijo fundido. Em Lausanne o idioma falado é o francês. Um bom sinal, certo? Reservamos uma mesa no restaurante Grütli, **peculiar e acolhedor**. Não sei se foi o vinho branco ou o Kirsch (a pinga de cereja), mas a fondue estava digna de Pilatos. As risadas invadiam o ambiente, as panelinhas de queijo fumegante fervilhavam com os garfinhos espetados em pães lambuzados de queijo. Éramos um grupo de amigos a desfrutar da vida ao redor de uma mesa, adocicados pelo prazer de beber e comer bem! A noite ficou marcada como a melhor da viagem.

As primeiras horas de luz foram utilizadas para fotos. Passamos pelo restaurante da noite anterior que estava em silêncio, assim como as demais janelas e portas que pareciam ainda repousar. Fomos percorrendo suas ruas em zigue-zague ladeira acima até chegar no ponto mais alto, na frente da catedral, de onde **a cidade se desnuda**. Poucas horas depois pegamos o trem para os vinhedos de Cheubrex. Se o sol insistiu em se esconder tivemos a generosidade dos Alpes para deixar o horizonte nada menos do que magnífico. Cheubrex é um pequeno vilarejo da comuna de Lavaux banhados pelo Lago Lemán. Os vinhedos que ficam nos terraços das encostas foram declarados Patrimônio Mundial da Humanidade e emprestam uma **beleza comovente** ao cenário. Esta região é ótima produtora de vinhos brancos, e para conferir fomos à pequena vinícola de St. Saphorin, da família Barbey, e voltamos com algumas garrafas para casa.

Bonjour, bonjour, bonjour

Olhei para o relógio. Cinco minutos eram o que eu tinha entre uma plataforma e outra na estação de Lausanne. Elas eram distantes. Fui o mais rápido possível. Não deu. Quando cheguei, o trem para Paris disparava sem eu estar dentro dele. Gelei. Era o segundo episódio do dia que não ocorria exatamente como o previsto. O primeiro foi em Interlaken, quando caí no mau humor de uma vendedora de bilhetes de trem. Achei que era hora de assoprar a nuvem negra que pairava sobre a minha cabeça. Remarqueei meu bilhete para as seis da tarde, coloquei minhas malas em um locker e fui visitar os vinhedos de Cheubrex, uma vez mais. Cheguei no pequeno vilarejo e saí a caminhar. **O capturei colorido.** Achei apropriado tomar um cálice de vinho branco e brindar meus dias na Suíça. Voltei ao restaurante do Hotel Préalpina em que havia almoçado uma semana atrás. Ganhei o caloroso abraço de Sócrates, um brasileiro que já virou suíço. Vi a tarde passar, preguiçosa. Ganhei dois vinhos do meu novo amigo. Eu chegaria em Paris às 22h daquela noite invernal. Meu francês era prosaico. Minhas malas pesavam mais do que deviam. Eu não fazia idéia de como chegar no hotel. No trecho de volta para Laussane conheci uma simpática suíça que estava indo a Paris e pegaria o mesmo metrô que eu. **Assoprar nuvens dá certo.**

Cheguei na avenida Champs-Élysées fascinada. Fazia frio, mas ele tinha algo de envolvente. No hotel Marignan fui deliciosamente presenteada com um quarto com terraço, um luxo em termos parisienses. Olho os telhadinhos no formato de V, os sótãos dos edifícios da frente, me animo. Viro para esquerda e o que vejo? Ela! A Torre Eiffel. Sim, meu quarto tinha vista para a torre. Abro uma das garrafas de vinho, agora sou eu e Paris. **Paris e eu.**

Bonjour — repito em todos os lugares. A Suíça havia me tratado tão bem. Dizer **bonjour era um mantra** que eu sussurrava sem cansar, sempre roubando um sorriso destes parisienses que dizem os boatos serem mal-humorados. Será?

Tenho como anfitrião Bruno Procópio. Músico barroco, um daqueles exemplares de brasileiros que fazem sucesso no exterior. Hoje Bruno já tem o coração pintado com as cores da bandeira francesa. Não é para menos, ele vive em Paris, há 15 anos, mora no sexto andar de um edifício do final do século XIX na rua Eugène Jumin, entre os parques de la Vilette e Buttes Chaumont.

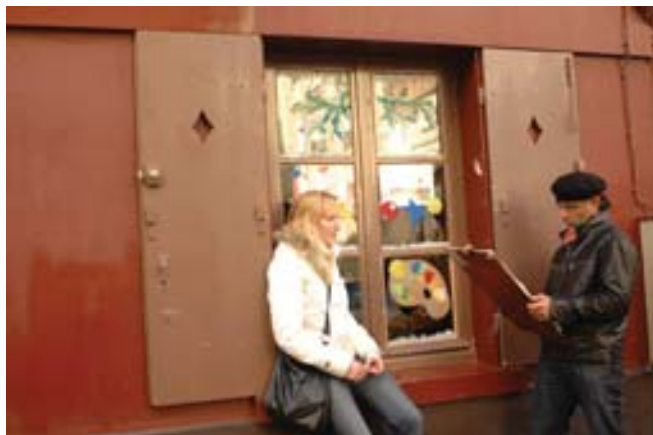




Peço para ele me levar à Paris dos parisienses – começamos com um almoço no café-restaurant mais antigo da cidade, o Procope, aberto em 1668. Depois de um tour pelo Musée de la Musique, à noite fomos para o Canal de St Martin, onde foi filmado o filme Amélie Poulain, sucesso do cinema francês de 2001, e fizemos a clássica dobradinha Bar de vin + jantar. O Bar de Vin é uma **invenção deliciosa** que agrega vinho e petiscos. Fomos no Le Verre Volé, espaço pequeno onde as mesas convivem lado a lado com poucos centímetros de distância, o público freqüentador é de artistas e intelectuais, o que já pressupõe um ambiente descontraído.

Dois cálices de vinho mais tarde, atravessamos a ponte rumo ao Hotel du Nord. Até então eu escutava que jantar em Paris seria uma experiência extremamente cara. Agradável engano, com 25 euros por pessoa se janta muito bem. A história do Hotel data 1885, mas seus anos de glória vêm da década de 30 do século XX, quando o diretor de cinema Marcel Carné usou da Sétima Arte para eternizar Du Nord. Hoje o restaurante é **divino** – do menu ao ambiente, que tem um bar e uma minibiblioteca.

Depois de uma temporada cinzenta e chuva fininha os céus tiveram um pouco de piedade. O dia acorda com o céu azul, o sol toma conta da cidade e contagia a todos. Conheço o que mais me apetece em Paris: Montmatre. Do alto da catedral vejo a cidade dividida em blocos. Me perco em uma feirinha, numa ruela recheada de turistas, artistas pintando retratos com lápis preto e uma quantidade de quinquilharias a fascinar. Desço por ruas estreitas, fachadas centenárias e o cotidiano parisiense. Encontro dois italianos faço e ganho fotos. **Paris é o mundo.**



Acabo o dia da melhor maneira possível: em cima de duas rodas! Agora Paris quer ser uma cidade verde e para isso ela teve uma idéia genial: disponibiliza bicicletas, por um euro a hora. As Velibs podem ser encontradas em quase todas as esquinas. Na verdade os ciclistas dividem ali-ali espaço com os carros. Eu passei em frente do Louvre, pelo Senna, vi a Torre Eiffel, **pedalando e degustando** Paris de uma forma diferente.

Depois de um dia ignorando os pés molhados causados por uma chuva teimosa que não deixou eu tirar nem uma vez sequer a câmera da mochila, vivo o dilema de como será minha noite de despedida à capital das capitais. Sou salva por um anfitrião meio francês, meio brasileiro que me leva a conhecer a noite parisiense. Vamos ao alternativo bairro Bastille, em um lugar freqüentado por cidadãos de Paris chamado Barrio Latino, bom para dançar salsa, com sofás espalhados por todos os cantos e opção para jantar.

Quando olho para trás e vejo Paris tenho certeza de uma coisa: **ela foi feita para amar**. Este é um verbo que deve ser conjugado por suas ruas para realmente entender sua alma e essência. Sinto cheiro de pão de chocolate...





Em Paris: Hotel Marignan www.hotelmarignan.fr, Restaurante Hotel Du Nord www.hoteldunord.org, Le Procope www.leprocope.com, Informações www.franceguide.com

Na Suíça: Hotel Le tros Rois e Hotel Palace Luzern www.lhw.com
Quem voa: Swiss www.swiss.com

Mais informações sobre a melhor forma de viajar pela Suíça e França em uma das 4 unidades do STB Trip & Travel:

Caxias do Sul e Porto Alegre - na Moinhos, Bela Vista e Zona Sul
info@stbpoa.com (51)4001.3000

Cris Berger é repórter de viagem e corredora, sim, isso mesmo. Cris nunca deixa o seu par de tênis em casa. Passa a vida a desbravar os continentes num corre-corre danado. Um Olhar pelo Mundo em versão eletrônica, na TV Record, quintas-feiras, às 13h15, no Balanço Geral - www.crisberger.com

